



Annástria

E o Príncipe dos Deuses

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D223a

2. ed.

v.1

D'Aquitaine, Selène

Annástría e o príncipe dos deuses / Selène D'Aquitaine. - 2. ed. - São Paulo :
Ícone, 2014.

288 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-274-1268-1

1. Ficção brasileira. I. Título.

14-14293

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

22/07/2014 25/07/2014

Selène D'Aquitaine



Annástria
E o Príncipe dos Deuses

2ª edição

Volume I

Brasil – 2014

Icone
editora

© Copyright 2014
Ícone Editora Ltda.

Capa
Selène D'Aquitaine

Diagramação
Suely Danelon

Ilustrações
Selène D'Aquitaine

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:
ÍCONE EDITORA LTDA.
Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda
CEP: 01135-000 – São Paulo/SP
Fone/Fax.: (11) 3392-7771
www.iconeeditora.com.br
iconevendas@iconeeditora.com.br



Prólogo...

Jamais pensei que algum dia eu iria me apaixonar. Costumava pensar que o amor era para os fracos. Como eu posso amar? Não posso deixar minhas emoções aflorarem em minha alma! Ou não podia... Agora já não tenho tanta certeza. Não sei muito bem como os humanos encaram o Amor... Alguns dizem que quando se ama não há explicações ou razões para amar essa ou aquela pessoa em questão.

Desde que eu nasci... Meu destino estava selado. Será que o Amor também estava marcado em meu destino? Tenho certeza de que não. Caí em destruição ao beijar os lábios daquele garoto lindo e sedutor. Não, ele não era humano, nem mesmo um elfo ou um anjo. Ele era uma alma corrompida, atormentada. No fundo eu queria, e ainda quero acreditar, que há uma gota de bondade no sangue do meu amado. Impossível uma voz de rouxinol ser serva de um dono tão perverso. Quando estou com ele, posso jurar pela minha vida que ele não é mau.

Se os seus atos não o comprometessem tanto...

Ah, droga! E o que eu sei sobre o Amor? Meu corpo passou boa parte da minha vida adormecido enquanto a minha alma era doutrinada... O que eu estou dizendo? Amar me deixou completamente louca. E agora... estou apaixonada pelo inimigo do meu melhor amigo. Estou perdidamente apaixonada pelo filho da inimiga da minha Deusa e do meu Deus. Sinto que perdi a minha alma para a própria Satine! Oh, deuses! Não consigo parar de pensar naqueles olhos lindos, ou na delicadeza com que meu amado me abraça e sussurra meu nome.

Foi maravilhoso quando William me disse pela primeira vez “Eu te amo”, e me beijou. Meu coração saltava inquieto, tão forte e desesperado como se a vida inteira estivesse esperando por aquele momento. Minha mente estava perdida em meio às doces palavras que ele sussurrava como poesia em meus ouvidos. Meu corpo todo tremia, frágil. Minhas mãos estavam frias, meu rosto ardia, rubro de euforia. Por um

momento mágico, esqueci-me do mundo a minha volta.

A noite não estava muito quente, mas eu sentia meu corpo arder de desejo. Eu ansiava ser tocada por ele. Era tudo que eu mais desejava. Apenas uma leve carícia dele no meu rosto e eu já me esquecia do mundo a minha volta. Nem sei quanto tempo nós ficamos deitados juntos naquela noite estrelada. Tudo parecia perfeito, como se fosse um sonho.

Como sou tola... Esse Amor era maravilhoso demais para ser verdade! O preço é muito

alto, praticamente impossível de se pagar. Eu me odeio por me apaixonar por alguém proibido! Por que tem de ser sempre assim? Por que tem de haver romances lindos e impossíveis?

Tudo sempre tem dois lados, o bom e o mau... Não aguento mais isso! O mundo é tão dual, tão mesquinho... Não se pode ter nada de bom sem pagar um alto preço. Esse Amor me mostrou que humanos e outras criaturas talvez possuíssem mais máscaras do que eu imaginava! Ninguém é totalmente bom ou totalmente mau. Tudo depende do momento. Os ideais de Amor, Lealdade e Honra sobreviverão por quanto tempo? Alguém ainda se lembra deles? O “príncipe encantado” existe somente nas histórias? Ele nunca erra? Duvido que exista alguém assim tão íntegro...

Eu conheço um príncipe. O príncipe de Annástria. Se algum dia você olhar para ele ou até mesmo para mim garanto que vai acreditar que somos os ideais encarnados de Perfeição, Honra e Glória. Lamento muito... Eu não sou assim tão perfeita. Não se iluda com meu rosto angelical...

Ímpar





Capítulo um

A noite da lua nova

Era uma noite fria e hostil, quando uma jovem feiticeira corria veloz carregando em seus braços um pequeno bebê que chorava baixinho. Ela corria por entre as árvores de uma floresta escura e sombria. A névoa estava densa, o ar gélido, as árvores soltavam gemidos agudos e altos. Um grupo inimigo a seguia pela floresta.

— Não adianta correr! — Gritou a voz áspera de um dos inimigos. A feiticeira virou-se de costas, segurou o bebê em uma das mãos e com a outra estalou os dedos, e uma densa massa de terra foi jogada, confundindo seus inimigos.

O céu estava negro, pois era a tão terrível noite da lua nova, quando todos os problemas e uma profecia tiveram seu início. A feiticeira escondeu-se entre duas árvores grandes e rígidas, e ficou em silêncio ninando o bebê.

— Entregue a criança e prometemos não lhe fazer mal — disse a voz do líder dos inimigos. Tudo parecia calmo... Nada se ouvia. Havia uma pequena criatura filhote que acompanhava a feiticeira. A criatura era um ártemis¹. Tinha orelhas grandes parecidas com as de um gato,

1 Um ártemis é um protetor. Ele só pode ser criado em uma situação de extrema emergência por meio de um feitiço chamado "Feitiço da Esperança".

um corpo comprido e fino e um rabo longo com plumas na ponta. Seus olhos eram expressivos e verdes, sua pelagem, branca com duas listras roxas saídas do alto da cabeça e percorrendo todo seu corpo até as plumas da calda.

— Não vejo nada... — sussurrou a criatura.

— Shh! Estão próximos... — murmurou a feiticeira. Algo por pouco quase atingira seu braço: uma flecha que chegou apenas a causar um arranhão e a fez escorregar por causa do susto. A névoa estava forte, mas a feiticeira conseguiu ver que a sua frente se encontrava o líder de seus inimigos. Ele estava muito próximo e apontava uma espada para o seu pescoço. Antes mesmo que ela abrisse a boca para gritar, uma outra flecha atingira seu inimigo. A flecha atravessou a cintura do homem. Ele caiu morto. A feiticeira ficou parada em choque. A sombra de um homem foi se aproximando dela aos poucos.

— Quem está aí?

— Sou eu, Sólon. Deixe-me ajudá-la. — Disse o rapaz, estendendo a mão para ela.

— Obrigada!

— Está tudo bem, Angelina... Meus aliados levaram nossos inimigos para uma luta... Estão longe de nós. Tudo bem com você? Machucou-se? E quanto à criança e ao ártemis?

— Estamos bem. — Respondeu Angelina, com sua voz doce e melodiosa. — Estou muito cansada, mas a criança e seu ártemis estão bem.

Ela ficou em pé com dificuldade e beijou o rostinho do bebê. Sólon ajudou-a a caminhar até uma casa escondida na floresta onde havia amigos esperando por eles. A casa tinha a forma de um cogumelo gigante e era feita de tijolos e pedras, janelas irregulares e um telhado vermelho também um tanto irregular. Estava iluminada com luzes esbranquiçadas, e as cortinas estavam fechadas.

Sólon bateu à porta e um senhor alto, com cabelos e barba grisalhos, com óculos de aro fino, atendeu à porta e sorriu de leve.

— Espero que a criança esteja bem... O Conselho Magistral já está todo reunido. Só faltavam vocês. — Disse o mago, dirigindo-se a Sólon e Angelina.

— Hortos, não sei se isso vai resolver... A profecia é muito clara! Temos pouco tempo... — advertiu Sólon.

— Paciência. O rei Strauss e a rainha Serenite também duvidaram do meu plano, mas essa é a única maneira segura. Não podemos manter o bebê conosco. Ainda não sabemos quem é a *outra* pessoa — disse Hortos. Ele fechou a porta e ajudou Angelina a sentar-se junto aos membros do Conselho Magistral.

— Altos, como sumo sacerdote talvez possa descobrir algo a res-



peito da outra criança... — manifestou-se Arkarios Berlak, um famoso arqueiro, membro do Conselho Magistral. Ele exibia uma boa aparência, era alto, encorpado, tinha cabelos negros, a pele morena e os olhos azuis. O arqueiro, trajando roupas de elite, fitava Altos com olhos flamejantes de curiosidade.

Altos, mago e sacerdote com mais de duzentos anos de idade, conservava a gentil aparência de um senhor de sessenta anos. O mago desviou os olhos de Arkarios.

— Sabes de algo, Altos? — Perguntou Angelina.

— Não muito... Minhas visões não estão muito claras. Tudo que sei é que essa pessoa nasceu dois dias depois do príncipe... Nasceu hoje. Para ser mais claro, ao nascer do sol. — Disse Altos, sem olhar para Angelina.

— Por hora talvez isso já baste. Só lamento pelo príncipe Darin... Tão bebê e já fora enfeitado! Como Rorek, soube de seu nascimento? Como pôde tirar as asas de um príncipe!? Suas penas são como suas lembranças... se as asas não forem devolvidas ao príncipe, toda sua bondade será corrompida! E, assim, ele não será mais príncipe de Annástria, e sim um Lorde Negro. Se isso acontecer... toda Annástria será destruída, toda magia morrerá, não haverá mais esperanças nem criaturas mágicas! Nosso mundo estará perdido! — Disse Angelina, entregando o bebê Darin para Altos.

— Sei disso... Não podemos lutar contra Rorek! O rei Strauss e a rainha Serenite morreram ao lutar contra ele. Morreram para proteger o filho e entregá-lo em segurança a você, Angelina. Sabe disso melhor do que eu, pois vi quando nossos Ilustres Senhores foram mortos! Você também quase morreu ao fugir de Rorek pela floresta — disse Altos, severo, erguendo de leve o queixo da moça.

— Por mais forte que seja uma feiticeira da noite como a senhoria é, Angelina, Rorek é um mago possuído pelas trevas e não pensaria duas vezes antes de matá-la. Embora Darin esteja sem suas asas... Ainda há esperanças — disse Demóquitros, um elfo alto, de pele rosada e olhos castanhos. Angelina acenou com a cabeça, concordando com ele.

— Estamos reunidos aqui hoje para decidir quem ficará com a guarda do príncipe até chegar a hora certa — declarou Sólon. — Porém... Não acho seguro que o príncipe fique em Annástria. Minha sugestão é levá-lo para a Terra. Lá ele estará seguro... Por algum tempo.

— Mesmo assim... Não podemos impedir que o príncipe tenha conhecimento sobre Annástria! — Disse Angelina — Como ele vai saber de seu destino?

— Já pensei nisso, minha cara! Darin ficará na Terra, mas de certa maneira parte de Annástria estará com ele. Eu sugiro que leve-

mos Cair Alastres à Terra! — disse Sólon.

— Cair Alastres? Uma escola annastriana em meio aos humanos?

— Perguntou Arkarios, perplexo.

— Sim! Assim como nossa falecida rainha, há humanos que ainda não foram dominados pelo mal! Há humanos que veem fadas! Enquanto ainda forem jovens... podemos torná-los annastrianos e formarmos aliados!

— Essa ideia é louca! Podemos ser traídos por esses humanos! E outra coisa: nossa rainha não era humana por completo! Ela era uma ninfates, semi-humana, semifada! Havia sangue de fada correndo em suas veias apesar de ela não ter asas ou poderes de fadas... Ela era uma fada de Alma! — Disse Arkarios.

— Sei disso! Mas, como sabe, o próprio pai de Serenite era um humano que acreditava firmemente em magia! Ele foi um inestimável escritor devoto aos nossos princípios! A mãe de Serenite era uma fada muito aventureira que descobriu sobre esse humano! Assim, ela, como princesa das fadas, assumiu uma forma humana e foi conhecer esse escritor. De fato, o pai de nossa rainha ficou imensamente honrado por ter conhecido uma fada. Logo se apaixonaram. E o resto todos já sabem: ele renunciou à humanidade para viver com sua fada querida. Pena que faleceu cedo... Humanos não vivem muito, não como nós. Mas, mesmo assim, ele sempre foi fiel e bondoso com todas as criaturas mágicas. Isso prova haver humanos que acreditam em magia, mesmo que sejam raros, — concluiu Sólon. Arkarios hesitou por um momento, mas acabou concordando com Sólon.

— Mas, e quanto a mim? — Perguntou o ártemis. — Não posso ficar longe do príncipe!

— Não mesmo... Agora que Darin está sem suas asas... Foi preciso realizar um feitiço para que parte de sua alma tomasse a forma de um ártemis, — disse Angelina. — Será preciso que cuide de Darin, ártemis, mas cuidado para que os humanos não o vejam.

— Claro! E, por favor, não me chamem de “criaturinha” ou de “pequeno ártemis”. Meu nome é Artenis. Vou cuidar muito bem do Darin. Somente serei visível aos olhos dele e dos annastrianos, — concluiu Artenis, com voz de criança.

E assim deram por encerrada a reunião.

Angelina pegou o bebê no colo e saiu da casa acompanhada de Sólon. A floresta estava fria, escura e silenciosa. Ambos caminharam com cautela. O bebê dormia tranquilo nos braços da feiticeira.

Longe dali, do outro lado de Annástria, uma sacerdotisa de cabelos loiros entrou no Templo Andar Cal. Ela estava muito pálida, ferida nas costas e carregava nos braços um bebê recém-nascido que mal



abrir os olhos. A sacerdotisa ajoelhou-se no centro do templo, abaixou a cabeça e orou em silêncio.

O Templo Andar Cal tinha uma mistura de arquitetura grega com a gótica. As paredes eram todas de mármore, as janelas irregulares com vidros coloridos. Havia gravuras desenhadas com tinta preta nas paredes, alguns detalhes em dourado e uma iluminação fraca e fria.

Depois de orar, a sacerdotisa realizou um ritual para abrir uma passagem no ar. Duas faixas de luz dourada surgiram paralelas e fechadas em cima por uma outra faixa dourada, formando uma porta. A sacerdotisa entrou por ela e desapareceu.

